

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: LINO BROCKA - MATEM O
ARTISTA NACIONAL
21 de Outubro de 2026

ANG TATAY KONG NANAY / 1978
(“O Meu Pai que é a Minha Mãe”)

Um filme de Lino Brocka

Realização: Lino Brocka / Argumento: Orlando Nadares / Direcção de Fotografia: Jose Batac jr / Música Original: Lutgardo Labad / Direcção Artística: Fiel Zabat / Som: Luis S. Reyes / Montagem: Augusto Salvador / Interpretação: Dolphy (Dioscoro Derecho), Niño Muhlach (Nonoy), Phillip Salvador (Dennis), Marissa Delgado (Mariana Jimenez), Lorli Villanueva (Bebang), Soxy Topacio (Bading), Orlando Nadares (Crispino), Larry Leviste (Rodrigo), etc.

Produção: Lotus Films / Produtor: Jesus B. Yu / Cópia: DCP, colorida, falada em filipino com legendas em inglês e eletrónicas em português / Duração: 117 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

AVISO: A cópia que vamos apresentar tem uma qualidade muito deficiente, tanto na imagem como no som. Pelas condições patrimoniais em que vive presentemente a obra de Lino Brocka não há melhor maneira de o ver.

Sessão com apresentação

Em rigor (cf. o aviso aqui em cima) não vamos bem ver **Ang Tatay Kong Nanay**, apenas uma espécie aproximação a uma memória muito sumida dele, com todos os valores plásticos (e que coisa é um filme se não isto, os seus “valores plásticos”?...) profundamente deteriorados.

É pena, mas só reforça a urgência de uma grande operação de salvaguarda do património de Brocka (que está em curso, a passo e passo), porque por trás da cortina esborratada que é esta cópia parece estar um belo filme, subversivo q.b., mas docemente subversivo, e que muito possivelmente, quase cinquenta anos depois, não perdeu nada sua subversão. Sabendo pouco do dia a dia filipino, para mais no final dos anos 1970, mas sabendo alguma coisa – sabendo da ditadura de Ferdinando Marcos, sabendo da preponderância da moral católica num dos países mais profundamente católicos de todo mundo – não custa adivinhar, sem erro significativo, a extensão subversiva de **Ang Tatay Kong Nanay**

Há logo aquela entrada (que infelizmente se vê pouco na cópia: são cenas muito escuras, nocturnas, ficam quase só manchas) com um grupo de “drag queens” nos cabarets e depois a apanhar o autocarro para casa. Parece ser o anúncio de mais um filme sobre os

“bas fonds” de Manila, sobre as existências marginais que aí florescem, como de resto Brocka filmou várias vezes,

Mas é uma entrada meio “trompe l’oeil”, porque rapidamente esquecemos os “bas fonds” para ficarmos com a personagem que esse início recorta, o cabeleireiro “gay” durante o dia e “drag queen” à noite que dá pelo curioso nome de Dioscoro Derecho (“derecho”, claro, traduz-se por “direito”, mas se passarmos ao inglês também pode dar “straight”, o que é quase de certeza uma ironia programada, e se não for – porque não podemos jurar pelas conotações das palavras nas Filipinas de 1978 – é uma ironia ainda mais genial).

A partir daí, começa-se a desenhar uma valente estocada no predomínio opressivo da “família tradicional”. O cabeleiro vê-se com uma criança nos braços, um miúdo que é filho de um seu antigo empregado, mas que nem o pai nem a mãe, separados, querem ter com eles. Vai, portanto, aprender a ser pai, e isso é das coisas mais bonitas do filme: este homem, que já víamos como era exuberante, “flamboyant”, perfeitamente à vontade com a sua sexualidade e sem nada de auto-repressivo, vai fazer o possível para se comportar como o pilar de masculinidade que um pai é suposto ser e representar – e esse é, digamos assim, o grande e verdadeiro “travesti” do filme.

Sem sofrimento especial, pelo contrário. Faz parte do filme defender que os laços familiares não precisam de ter nada a ver com o sangue. Em boa parte da sua duração, e na parte nuclear da duração, **Ang Tatay Kong Nanay** é uma colecção de cenas em que um homem e uma criança aprendem a ser o pai e o filho um do outro. Brincam, comungam, conversam – de uma forma que às vezes faz pensar (porque nesta perspectiva também é um filme sobre o tempo do “bonding”, do convívio e da criação de laços) no Kikujiro que Takeshi Kitano realizaria muito mais tarde (e onde não há, claro, esta dimensão da orientação sexual das personagens adultas).

Como habitualmente em Brocka, o matriarcado é uma presença ambígua, quando não declaradamente nefasta. E assim é esta mãe que para o terço final regressa com o objectivo de recuperar a guarda do filho. Sabemos que tem um passado obscuro – foi “acompanhante” – mas não é isso que o filme lhe censura, antes o ter passado a outro patamar social, estar mergulhada em pleno no cultivo das aparências e do status (é por isso que percebemos imediatamente que o reencontro não vai correr bem). As cenas com o miúdo em casa da mãe são, em termos de mise en scène, o oposto das cenas em casa do cabeleireiro: os planos são largos, há imenso espaço em torno das personagens, e sobretudo *entre* as personagens. A casa materna é, afinal, um espaço da maior frieza.

A partir daqui, é fácil adivinhar o que acontece no desfecho, e o espectador vai vê-lo, pelo que não precisa que lho contem. Mas há poucas coisas tão comoventes, e subversivas ao mesmo tempo, do que aquele reencontro, quando o cabeleireiro vem com todo o arsenal (maquilhagem e guarda-roupa) da noite de Manila, e o miúdo lhe chama sucessivamente “pai” e “mãe”, como se ele fosse as duas coisas ao mesmo tempo, ou como se não importasse decidir com nenhuma espécie de precisão o que é que ele de facto é: é só o pai, que é a mãe, vice-versa e assim sucessivamente. Lindíssimo.

Luís Miguel Oliveira